

POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS



COAUTORES

JORGE GABRIEL LAPA

JOSILENE SANTOS

ROSANA MACELLONI

SAMUEL MARCELINO

VICTORIA MAIA NEVES DA SILVA

WANDA ROP



ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

selo

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

A Arte de
construir palavras

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização e projeto editorial: Elenir Alves

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

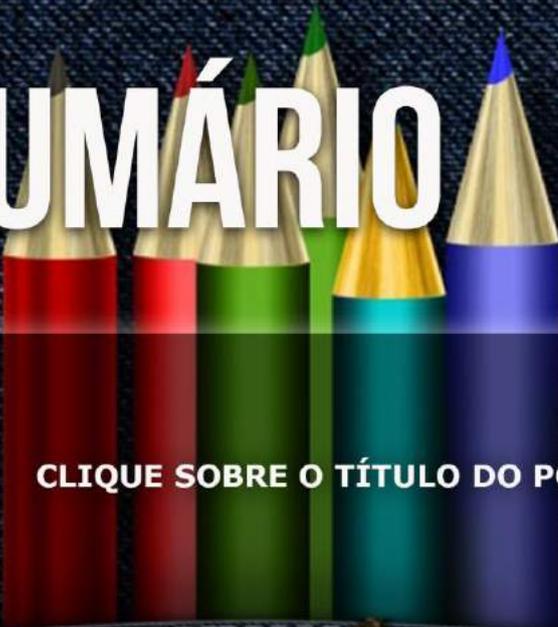
Obra protegida por direitos autorais

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO



CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA, CONTO OU CRÔNICA

A ocarina do fauno, por Jorge Gabriel Lapa, pág. 05
À procura, por Josilene Santos, pág. 10
Espreme/exprimo, por Rosana Macelloni, pág. 12
A última viagem a Gaya, por, Samuel Marcelino, pág. 14
Espírito Livre por Victoria Maia Neves da Silva, pág. 18
Não espere, por Victoria Maia Neves da Silva, pág. 20
Saber viver, por Wanda Rop, pág. 22
Conheça outros títulos da coleção, pág. 24

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima





"Saímos pelo mundo em busca de nossos sonhos e ideais. Muitas vezes colocamos nos lugares inacessíveis o que está ao alcance das mãos."

— Paulo Coelho (Manual do Guerreiro da Luz)



APRESENTAMOS O CONTO
A OCARINA DO FAUNO

Por Jorge Gabriel Lapa

Jorge Gabriel tem vinte e três anos, começou a escrever aos quinze e inventa todo o tipo de histórias desde quando percebeu que elas começam em nossa mente. Nascido e criado em Salvador/BA, sua vida regrada de advogado se torna uma aventura toda vez que senta para escrever. Sonha em ser professor e autor de livros jurídicos e literários e em ter uma livraria. Já teve seis contos publicados em antologias de diferentes editoras nacionais. É aficionado por katanas, pizza de calabresa e todas as formas de narrativa.



O fauno nunca havia experimentado tamanha tragédia. Sua ocarina, sua preciosa ocarina, estava em pedaços. Empedrou, rachou e quebrou sem avisos. Simples assim. Não havia mistério nisso. Há tempos imemoriais, muito antes da Era dos Primeiros Homens e da Era antes dessa, o Oráculo profetizou que a ocarina ao pó retornaria no dia em que o fauno roubasse mais amor do que conseguia guardar em seu coração.

Agora a profecia se realizara. A criatura, com o coração cheio de amor subtraído, observava os pedaços remanescentes da ocarina se esfarelando em suas mãos trêmulas, até por fim desaparecem no ar como cinzas ao vento. Sentia como se sua alma tivesse se despedaçado junto com o eufuístico instrumento e como se suas poucas brasas de vida tivessem se apagado. Um sátiro sem flauta, afinal, é como estrela sem brilho, feiticeiro sem feitiços.

Deus sem milagres.

Ele permaneceu em silêncio lutuoso, reflexivo. Dentre as muitas privações decorrentes da perda da flauta mística, a maior de todas, seguramente, era não poder mais tocar a melodia onírica da magia através de suas canções de amor. Suas lendárias canções de amor. Segundo algumas versões da lenda, as canções do fauno penetravam a alma e aqueciam o coração de qualquer ser que as escutassem. Dizia-se, tanto nos bosques, quanto nos vilarejos, que quem ouvisse um cântico inteiro seria curado de qualquer mal.

E a fama não era por acaso. Havia relatos de cegos que passaram a enxergar, condenados que se livraram de engenhosas maldições, mortos-vivos que conseguiram adormecer, aleijados que recuperaram os movimentos, pegasus feridos que tornaram a voar, anjos que recobram a fé, mulheres inférteis que conseguiram parir, espíritos que encontraram a luz, dentre outros.

Mas agora tudo isso seriam apenas histórias. Mais lendas. Sem a ocarina, fonte do seu poder, o fauno era incapaz de atender as preces daqueles que desesperadamente vinham à sua procura dos quatro cantos dos treze reinos, das sete cachoeiras da floresta, das gélidas montanhas nortenhas, dos continentes além do mar, das fortalezas impenetráveis do segundo céu, das luas de sangue, das terras do mundo proibido ou, ainda, de locais mais remotos e desconhecidos.

Não que se importasse com essas preces. Não sentia um mínimo de empatia por todos esses desesperados que procuravam seus serviços. O fauno sequer se dava ao trabalho de ouvir os causos e as lamúrias que lhe traziam. Simplesmente não se importava. Importava-se, tão somente, com o preço que seus ouvintes estavam dispostos a pagar, ainda que não soubessem disso: o amor. Esse era o oculto e real poder das angelicais canções, que funcionavam como uma espécie de poção do amor que se bebe pelos ouvidos.

Amava se sentir amado, fosse como fosse e independente de quem quer que fosse que o amasse. O fauno, porém, a ninguém amava, exceto a si próprio. Tinha plena consciência disso e nem de longe se incomodava com o narciso dentro de si. Pelo contrário, sentia-se como uma autêntica deidade, cuja natureza consiste exatamente nisso: amar-se e ser amado. Recebia os que lhe procuravam como plateia para seus hinos e os tocava não pelo seu milagroso poder de cura, mas sim pelo seu sortilégio que alicia o amor de quem as escuta.

E o que seria de si agora que não pode mais tocá-las e, portanto, ser amado? Foi-se toda a fonte de seu prazer. Deliciava-se com os aplausos empolgados, com o cheiro de sal que exalava das lágrimas de agradecimento e com os rostos de adoração profunda. O amor que silenciosamente extorquia nessas ocasiões era o que sustentava sua magnífica beleza. Era o que o mantinha vivo. Sem ele, sem a ocarina, toda sua existência perderia o sentido.

Com seus belos chifres ondulados agora decrepitos, com seus pelos reluzentes agora descoloridos, e com seus músculos definidos agora em pelancas não mais que delgadas, o fauno vagou cabisbaixo pelos bosques nos quais outrora reinava. Parou na beira de uma lagoa e pela primeira vez na sua vida de imortal, ao invés de admirar, repudiou o que viu no reflexo. Aquilo era inadmissível. Precisava voltar a ser o que era antes. Precisava ser novamente amado por todos. Precisava encontrar uma nova flauta. Uma nova ocarina.

E sabia exatamente por onde começar.

O fauno viu uma sereia se banhando numa cachoeira ali perto e logo se afastou. Enojava-o pensar que, se ouvisse o canto dela, era ele quem seria atraído e não o contrário, como costumava acontecer em seus áureos tempos de trovadorismo, já nostálgicos. Assim como as criaturas do submundo – cujos nomes nenhuma criatura que preza pela sua vida e sanidade ousa murmurar – o sátiro escondeu-se na escuridão da

noite e das sombras para que não o vissem naquele estado deplorável, zelando por sua imagem, fama, honra e, sobretudo, dignidade.

Durante nove sóis e nove luas suas pernas de cabra não descansaram até enfim chegar na árvore mais alta e mais antiga da floresta. Seus galhos eram retorcidos de uma forma intrigante e suas folhas gasosas de cor violeta sussurravam segredos esquecidos para os pequenos seres que rastejavam na superfície rugosa. Aprisionado no cerne do seu tronco central, grosso como a coluna de um gigante-rei, vivia enraizado o Oráculo. Ele aguardava pela chegada do fauno. Já sabia que a criatura desesperada perguntaria se seu destino o teria reservado uma nova flauta.

“*Terás outra ocarina quando sacrificar o coração do seu verdadeiro amor*”, profetizou com firmeza a voz por debaixo do véu escuro que cobria as muitas faces do Oráculo.

As palavras atingiram o sátiro como uma gélida espada de ferro. Ele, mais do que ninguém, sabia que as visões do Oráculo estão fadadas a se concretizarem. Não há escapatória daquilo que já foi escrito pelos Deuses, afinal. O fauno, porém, não acreditava nos Deuses. Nem nos antigos, nem nos novos. Recusava-se a conceber entidades superiores e mais poderosas do que ele mesmo. O único Deus que aceitava a existência era o seu antigo eu.

Concluiu, então, que seu destino o havia pregado uma peça. Foi acorrentado a um fim irônico, no qual sua única salvação seria um castigo supremo para sua divina arrogância. Uma sanção para seu ego inflado. Uma punição para seu narcisismo desmedido. Riu desdenhoso da própria desgraça enquanto praguejava em pensamentos o destino zombeteiro e amaldiçoava todo o panteão de Deuses que não se permitia perfilhar.

O fauno sabia que o coração do seu verdadeiro amor era aquele que carregava no peito. Sem alternativas, deu as costas ao Oráculo, subiu a montanha mais alta que havia por perto e foi até a caverna mais escondida que encontrou. Certificou-se de que ali não era o lar de nenhuma besta ou qualquer outro ser vivo ou meio-vivo.

Precisava de um espaço reservado.

Ninguém poderia vê-lo fazendo *aquilo*.

O fauno checkou o afiado das unhas. Seria suficiente. Respirou fundo pelas narinas do seu rosto barbudo. Em seguida, num movimento rápido e preciso como um experiente espadachim, cravou sua mão humana no lado esquerdo do peito cabeludo. Agarrou, apertou e arrancou fora o conteúdo interior. A bomba escarlata ainda pulsava quando foi dilacerada ao meio.

E lá estava ela, escondida como um tesouro!

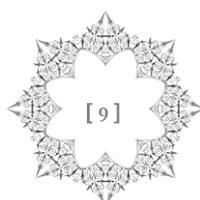
No núcleo do envelope de sangue, mergulhada em seus próprios conteúdos e nos rudimentos da magia, havia uma linda ocarina, banhada num escarlate cintilante, como se recém forjada por anões e encantada por ninfas, quente e fumegante como o mais puro e destilado fogo-fátuo dos dragões-serpentes há muito extintos.

O fauno abriu um sorriso de satisfação. Levou o glorioso instrumento aos lábios secos e assoprou com todo o vigor que conseguiu reunir. Então um calafrio assustador, mais gelado do que a pele dos mortos que aguardam o chamado do necromante, percorreu todo seu corpo.

Havia algo terrivelmente *errado*.

O que ouviu confirmou aquilo que mais temia. O fauno soprava e soprava sua nova ocarina, mas não conseguia mais tocar nenhuma das encantadas canções de amor.

Apenas grunhidos amaldiçoados de melancolia e solidão.





APRESENTAMOS O POEMA
À PROCURA

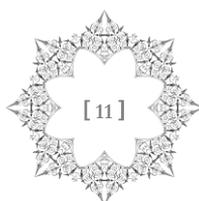
Por Josilene Santos

Mora em Nova Iguaçu-Rj, e escreve desde os 11 anos de idade, começou a sentir essa necessidade para se expressar consigo mesma e jogar para fora aquilo que o universo não entendesse quando se ouvia, viu na escrita a maneira de se encontrar e a oportunidade de enxergar através da leitura todo contexto para imaginar diversas histórias que ela nunca poderia vivenciar, mas através da imaginação ela poderia estar em qualquer lugar.



Certas vezes-me vi num penhasco mais aquele sem volta;
Eu olhava para trás e só via um abismo por trás de mim;
Sentia frio, e calor ao mesmo tempo.
Depois sentir uma vontade imensa;
De poder criar asas e voar pra algum lugar.
Lugar esse que já tenha belas histórias,
Que faltava a minha para serem escritas;
O recomeço era que buscava, dentro de algum lugar;
Talvez numa pequena cidadezinha, ou dentre;
Aqueles montanhas geladas com algum casebre,
Ou simplesmente em cada canto do planeta.
Conhecendo histórias que fizessem da minha história um conceito diferente de tudo que já
havia vivido.
Pois, era somente o novo ou velho que buscava?

— Não sei, acho que somente histórias diferentes da minha realidade.



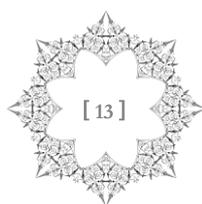


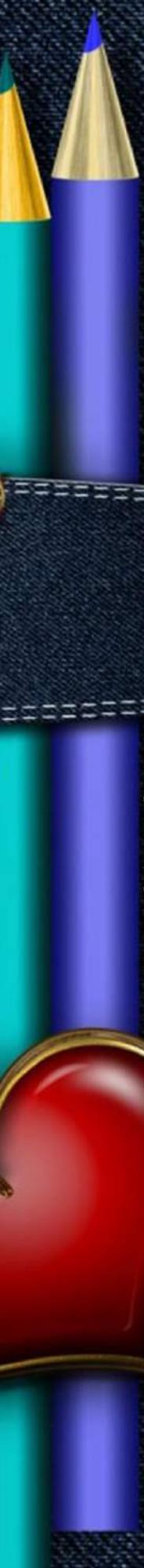
APRESENTAMOS O POEMA
ESPREME/EXPRIMO

Por Rosana Macelloni

É professora, escritora e apaixonada pela Matemática! Professora efetiva de Matemática da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo há aproximadamente 20 anos, Licenciada em Matemática, Mestre em Educação e Doutora em Educação para a Ciência. Para chegar a esta breve descrição dela mesma, muitos caminhos percorreu, o fato é que além de amar proporcionar a apropriação dos conceitos matemáticos pelos educandos, acabou se enveredando pelo mundo dos livros e escrever lhe mostrou outra paixão, tanto os livros didáticos como os paradidáticos, ou poesias, a mesma paixão.

Não me espreme
ou espreme
Aí poderá sair de mim
as melhores palavras
as melhores frases, rimas
e a melhor oração
Me espreme
E vou fazer um poema
que se musicá-lo
vai até virar canção,
que pretensão ...
É que meu bem
as palavras minhas
num relance
entrarão na cabine Clark Kent
E quando menos esperar sairão
de lá Super Man





APRESENTAMOS O CONTO

A ÚLTIMA VIAGEM A GAYA

Por Samuel Marcelino

Samuel Marcelino tem 31 anos, é brasileiro e reside em São João Del Rei -MG , cidade onde nasceu e cresceu. Além de autor literário, é artista visual formado pela Escola de Belas Artes da UFMG (2014) e desde 2009 atua como ilustrador freelancer. Apaixonado por criar imagens fantásticas e por literatura, se diverte tentando descobrir como transformar sua imaginação e sentimentos em palavras.

Atlantis, uma cidade estrondosa. Segura, estática no espaço, uma habitação sem imprevistos, perfeita e eterna, onde tudo é possível. Foi construída pelo povo antigo há milhões de anos em uma era de expansão. Se tornou o berço de todos os Dominus Sapiens, que agora, em festa, saúdam a passagem de Gaya, seu planeta de origem. Aquele mero círculo azul cruzava o cosmos mais um vez, cumprindo seu previsível ciclo, prestes a se alinhar com Hélio diante de todos os Atlatianos. E esse era o melhor momento para fugir, pensava Helli.

Helli havia sentido Aquilo germinando dentro de sua mente, se ramificando e tomando todos seus pensamentos. Simplesmente consentia que Aquilo era a essência responsável por dar sentido a toda criação: a presença imperiosa, irrefutável e onisciente que tudo rege, havia plantado em seu cerne o conhecimento incontestável, que a levou a contemplar, sem razão ou objetivo, a plenitude de tudo que há, que houve e que haverá.

Dos seus ancestrais os Dominus Sapiens herdaram sua ânsia pelo infinito. Eram conquistadores e em sua maior glória sobrepujaram a morte, que sabiam existir somente em seu longínquo planeta, como uma lenda de um mundo antigo. Agora se afirmavam senhores de uma vida reticente. Aquele saber de Helli, entretanto, era a prova de que toda a perfeição perpétua criada por eles estava por um fio. E esse fio precisava ser rompido.

Helli não tinha dúvida de que seu conhecimento deveria ser omitido, mas essa não seria uma tarefa fácil. Mesmo únicos e cheios de singularidades, todos os Atlantianos partilhavam de uma grande e uma rede mental. Não haviam segredos e omissões entre eles, eram perfeitos em sua moralidade e perfeitos em compartilhar e comungar dos mesmo saberes. O alinhamento já se iniciava e Helli não tinha muito tempo até que todos se recompusessem e mergulhassem em seus pensamentos. Seu saber secreto deveria permanecer só seu e precisava fugir para longe dali. Só assim garantiria que o futuro fosse certo.

Gaya, que uma vez já fora a Terra, o planeta que originou e abrigou toda vida existente, agora fora reduzido a apenas mais um dos corpos celestes inabitáveis do sistema Heliocêntrico. E foi quebrando a lei oriunda dos primeiros desde a criação de Atlantis, que afirmava que em seu planeta originário habita a morte certa e que ali jamais deveriam retornar, que Helli decidiu que durante as celebrações de passagem roubaria uma das cápsula de emergência, usaria a energia de seu próprio biotraje para acioná-la e

rumaria para o misterioso planeta azul. Talvez o único lugar onde pudesse ter a chance de guardar seu segredo e encontrar respostas.

Seu Biotraje lhe acompanhava desde o nascimento e era uma peça vital para a sobrevivência em Atlântis. Abrir mão dele seria abrir mão de uma parte de si. Com ele não era preciso respirar, comer, nem beber ou se exercitar. O biotraje cuidava de tudo, até da mais simples necessidade: oxigenava o sangue, hidratava o corpo e mantinha forte os músculos, juntas e tendões. Cumpria toda função estética que a mente ansiava, se adaptando e criando padrões de vestimenta exuberantes. Também era através dele que se comunicavam, que liam as mentes um dos outros, era o ponto em comum que organizava e unia a sociedade em Atlantis. Além disso, se adaptava ao crescimento de seu portador e o acompanhava para sempre, afinal, impedia completamente a oxidação e morte de qualquer célula do corpo. Tudo isso só era permitido devido ao fato de todo traje ser mantido por um pequeno núcleo de fusão retroalimentável. Aquele indumentário amparo fisiológico, da mais alta tecnologia concebível, mantinha a cortina aberta para o protagonismo eterno de todos Dominus Sapiens.

Pela conspiração do destino, Helli havia sobrevivido à passagem pela atmosfera de Gaya e à queda em sua superfície, mas sua nave se tornara completamente inoperante. Sem um núcleo de fusão estável e com o estabilizador quebrado, não conseguia manter sua estrutura esférica e começava a se tornar uma grande poça de mercúrio dourado. Substituir o núcleo de navegação da nave por um simples núcleo de fusão de biotraje havia se mostrado como uma ideia pouco segura, para não dizer suicida. Felizmente foi o suficiente para efetuar a sua fuga até a Terra. Se via diante de um caminho sem volta, mas afinal, voltar para Atlantis nunca foi uma opção para Helli.

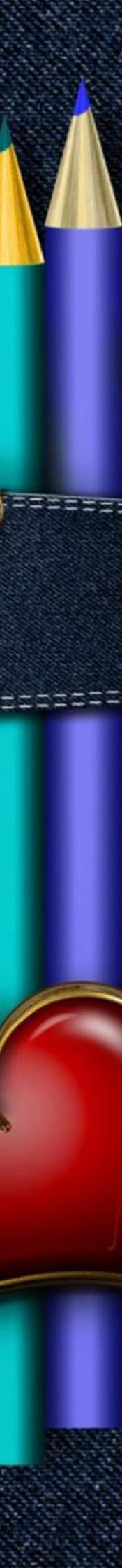
Naquela tarde, pela primeira vez em sua vida, Helli se encontrava despida da casca que ampara sua existência. Seu biotraje desfeito em uma carcaça viscosa, de nada mais lhe servia. Percebeu que ainda se mantinha ileso sem ele, algo impossível em Atlantis. Olhava para si como nunca havia feito antes, sua mente não controlava mais sua aparência. Presenciou sua carne, suas cores, seus reflexos e desconfortos. Na ausência de todo aquele preenchimento tecnológico haviam novos desejos, naturais e primários. Descobriu que nunca havia se sentido por completo, descobriu que sua existência até ali, havia sido apenas uma fração de tudo que havia em si. E foi na dor que encontrou a maior vontade de se descobrir. Pela primeira vez Helli se sentia parte de tudo.

Pôs-se a caminhar, vestida da única coisa que ainda permanecia desde que veio ao mundo, sua presença. Não era capaz de nomear nada do que via ou ouvia, e não ousou dar nome a nada daquilo. Não sabia que os Sapiens antigos chamavam aquele abraço suave e invisível de brisa e nem que a melodia gentil carregada por ele vinha de um ser alado e com um centésimo de seu tamanho, mas infinitamente mais exuberante. Suas pequenas narinas foram inundadas por uma fragrância que enchia sua mente de memórias não vividas e desejos nunca ansiados. Correu por léguas e seus olhos não desejavam se fechar nem por um instante. Sentiu seu corpo ser abraçado de súbito novamente, dessa vez gelado e húmido, rodopiou e se levantou. Fechava os olhos para sentir as ondulações que a levavam para lá e para cá, o ar entrava a plenos pulmões...Sentindo se expandir, na ardência do que é estar realmente vivo, emergiram do seu mais profundo existir, uma enxurrada de sentimentos.

Então aquilo era Gaya, pensava. A terra originária, abandonada por ser abundante e indomável, a que tudo pariu e para onde tudo que vive deveria retornar. Ali sentiu o tempo passar, viu a paisagem mudar, presenciou e admirou a vida em sua várias formas, experimentou todas as alterações do tempo em seu corpo e não cansou de se desnudar. Já não seria mais possível um biotraje encobrir o que realmente necessitava.

Por fim, na beleza do imprevisto, contemplou seu segredo se perpetuar com Hélio se abrindo em sete partes, tragando tudo o que existia em uma exuberante performance cósmica. Amava a beleza da vida despida com seu ponto final.





APRESENTAMOS A CRÔNICA

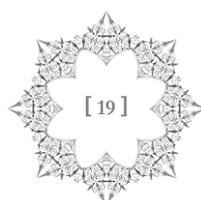
ESPÍRITO LIVRE

Por Victoria Maia Neves da Silva

Victoria Neves é uma jovem trans, escreve como uma forma de expressar seus sentimentos e encontrar equilíbrio em uma sociedade tão caótica. Acredita que a educação é o único caminho para moldarmos uma sociedade mais justa.



Para os que tem espírito livre, as vezes é necessário arriscar, deixar as correntes que nos aprisionam caírem ao chão, para que assim possamos levantar nossos voos. Uns vão mais longe, outros mais perto. Em meio ao caminho podemos sorrir, chorar, curar, ferir, ser feliz, sentir, mudar, ir mais distante ou regressar. O que vale é lembrar que tudo serve como aprendizado, se usado como forma de amadurecimento, melhor ainda. Mas viver em um mundo tão grandioso e cheio de coisas para aprender, porém, estar aprisionado nas gaiolas construídas pelos outros, talvez, não possa valer tanto a pena! Afinal, o mundo vai continuar, no entanto, você e os outros? Para tal indagação, nos lembremos da famosa frase de Quintana "Eles passarão... Eu passarinho!"





APRESENTAMOS A CRÔNICA

NÃO ESPERE

Por Victoria Maia Neves da Silva

Victoria Neves é uma jovem trans, escreve como uma forma de expressar seus sentimentos e encontrar equilíbrio em uma sociedade tão caótica. Acredita que a educação é o único caminho para moldarmos uma sociedade mais justa.

Não espere para fazer o que gosta. Não deixe chegar o dia que aquela pessoa vai embora para desfrutar da sua companhia, de ir ao cinema só, admirar um pôr do sol, assistir um novo seriado, aprender algo novo, pedalar, tomar banho de chuva, de sol, de mar, amar, se amar. Permita-se ficar só, ouvir o seu caos ou o silêncio. Não importa se é calmaria, ou tempestade, sempre haverá algo para você se presentear. Estar só não é sinônimo de tristeza, é na verdade uma oportunidade para cuidar daquilo que mais importa: você. O seu autocuidado importa, antes de cuidar de alguém, primeiro cuide de você. O tempo nos foge pelos dedos, quando vamos ver, já foi. Não espere o amanhã, ou o depois de amanhã. O agora chama, ele é o momento. E no meio do caos do tempo, não passamos de segundos, ou talvez milésimos. Então, lembre-se que você importa e não merece nada pela metade, pelo contrário, merece o completo, e o que te completa está em ninguém menos que você, que merece ser cuidado, amado e sempre priorizado.





APRESENTAMOS O POEMA

SABER VIVER!

Por Wanda Rop

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós - Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Acadêmica da A.I.S.L.A, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap) com medalha Seller!

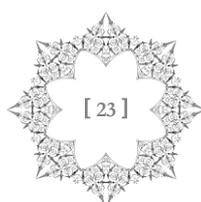


Nesse mundo tão diverso
Pessoas insistem nos preconceitos
Vivo a vida sem amarras
Liberdade aflora em meu peito

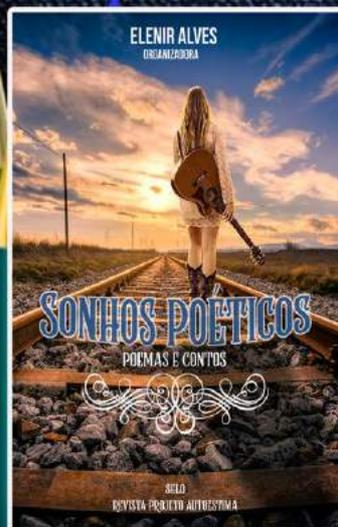
Sou mulher, forte e decidida
A independência é o meu lema
Não tenho tempo para críticas
Sou feliz e livre em minha consciência

Nossa vida é limitada
Não temos tempo a perder
Se você não tiver ousadia
Não saberá o que é viver

A liberdade é uma benção
Que muitos não sabem aproveitar
Tenha tempo para os outros
E jamais esqueça de se amar!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

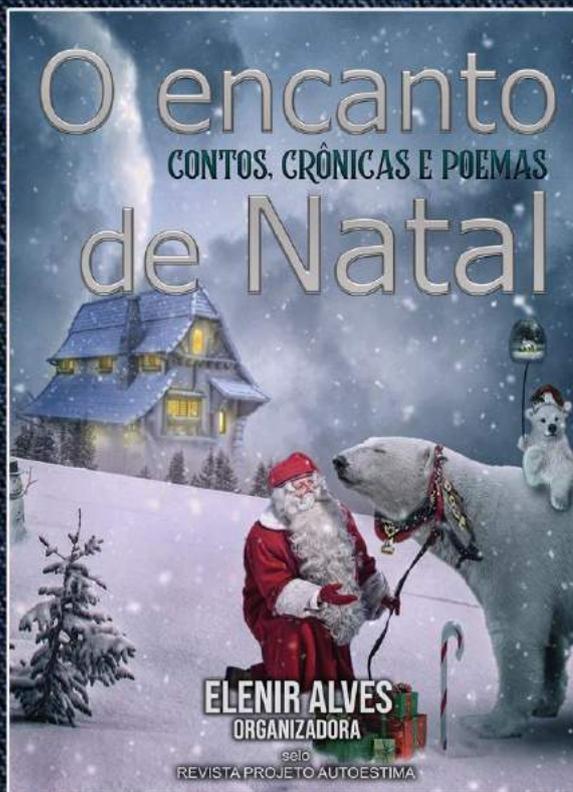
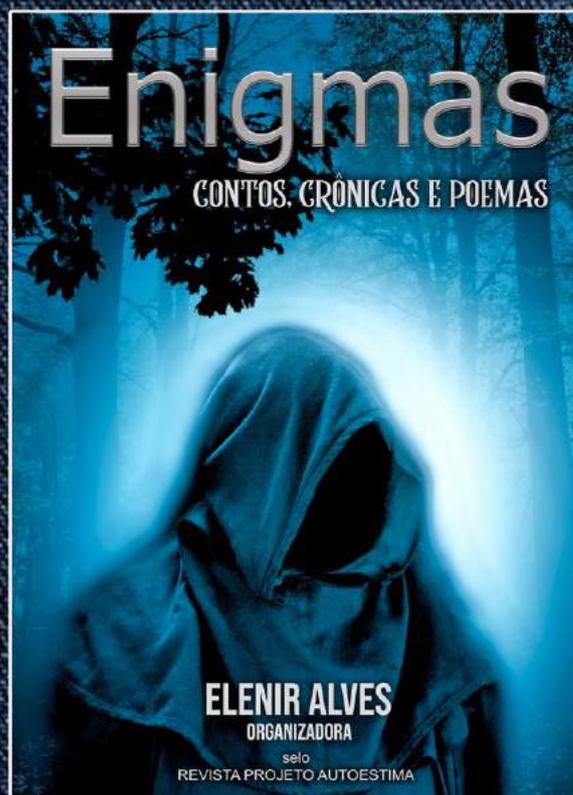
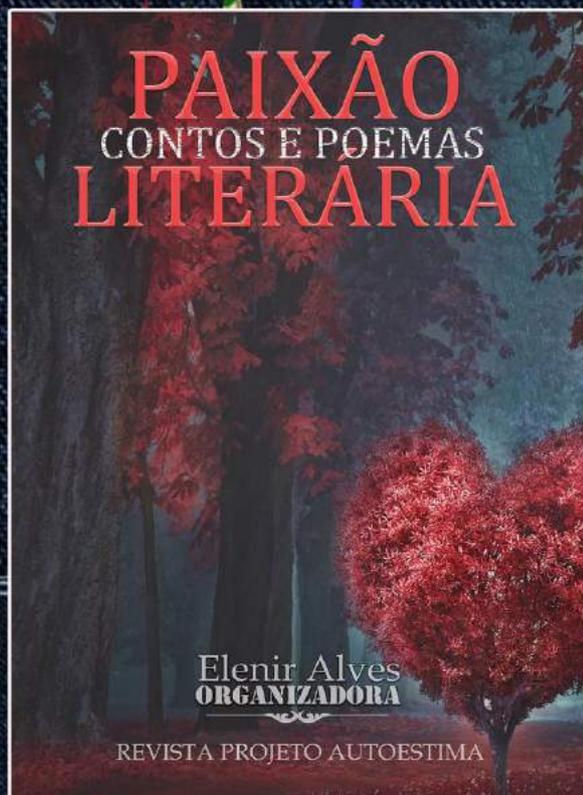
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI